

Romano ABATE
Giuliana BELLINI
Alessandro BENFENATI
Rosetta BERARDI
Anna BOSCHI
Piera BUTTINONI
Claudio CALZAVACCA
Sara CAMPESAN
Gianni DE TORA
Marcello DIOTALLEVI
Alda FAILONI
Fernanda FEDI
Gino GINI
Franca GRILLI
Alfonso LENTINI
Oronzo LIUZZI
Ruggero MAGGI
Federica MANFREDINI
Gaudenzio NAZARIO
Clemen PARROCCHETTI
Gloria PERSIANI
Alfa PIETTA
Gian Paolo ROFFI
M. Pia FANNA RONCORONI

24

ARTISTAS ITALIANOS

pele
ARCHIVIO LIBRI D'ARTISTA - LABORATORIO 66 - MILANO

19 de Junho
a
29 de Agosto

HORÁRIO
Seg., Ter., Qua. e Sextas-feiras: 13/18 h.
Quintas-feiras: 13/20 h.



CASA FERNANDO PESSOA

Rua Coelho da Rocha, 16
1250 LISBOA
Tel. 396 81 90



**MIGALHAS
DE
PESSOA**

LIVROS DE ARTISTA

24 ARTISTAS
ITALIANOS

19 DE JUNHO
A 29 AGOSTO

Apontamentos para uma leitura da exposição

É curiosa esta proposta de uma exposição de livros, ainda que "libri d'artista", dedicados a um escritor que durante toda a sua vida apenas publicou um: "Mensagem". Provavelmente, o grande Fernando, franzindo os olhos por detrás das lentes de míope, aceitá-la-ia com um sorriso irónico, recordando as suas aventuras de director da revista "Orpheu", que nos dois únicos números publicados, teve a colaboração de dois pintores: Guilherme de Santa-Rita (dito Santa-Rita Pintor), e o seu amigo José de Almada Negreiros, que várias vezes o retratou.

Mas para além destas considerações fantasiosas, como se poderá condensar em imagens uma obra tão complexa e fugidia como a de Pessoa?

Procuremos proceder ordenadamente.

Sendo os objectos desta exposição obras de pintores italianos, achamos úteis algumas considerações provenientes de textos de um italiano notável: Umberto Eco. Em "Opera aperta", surgido no início dos anos sessenta, o semiólogo Eco, escrevendo acerca das várias possibilidades interpretativas, assinalava que a modernidade de um autor está na qualidade sugestiva da sua obra.

"É necessário – escrevia Eco – evitar que o sentido único se imponha de chofre. Com a poética das sugestões, a obra fica intencionalmente aberta à livre reacção dos seus fruidores. A obra que *sugere* realiza-se todas as vezes, cheia dos contributos emotivos e imaginativos de cada intérprete (...); nas obras poéticas deliberadamente fundadas sobre a sugestão, o texto procura estimular o próprio mundo pessoal do intérprete, para que ele lhe traga, da sua interioridade, uma resposta profunda, elaborada com misteriosas consonâncias". E, em seguida, precisava "toda a obra de arte (...) é substancialmente aberta a uma série virtualmente infinita de possíveis leituras, cada uma das quais conduz a obra a reviver segundo uma perspectiva, um gosto, uma *realização* pessoal".

Se eram estes os pensamentos e os estímulos que Umberto Eco então difundia, em compensação, publicou nos anos 90, um segundo texto sobre o argumento: "I limiti della interpretazione". Nele havia análises que avisavam os hermeneutas acerca dos perigos de andar à deriva (relativamente ao texto) devido a uma excessiva e descontrolada liberdade interpretativa.

Cito duas considerações do capítulo "Interpretações e conjecturas":

"Um texto é um artifício que tende a produzir o próprio leitor modelo (...). O autor modelo é aquele que, como estratégia textual, tende a produzir um certo leitor modelo".

Nas conclusões do livro, o autor, em "Semiose ilimitada e deriva", sintetizava e ilustrava os dois limites extremos e negativos da interpretação, ou seja, aqueles que define como as duas opções: "a primeira (interpretação unívoca) é exemplificada por vários tipos de fundamentalismo (...); pelo contrário, a opção alternativa é seguramente representada, nos termos mais extremos, por aquilo a que chamei semiose hermética".

Por certo, estas considerações são muito interessantes, mas quando se fala de Pessoa, todos os esquemas caem, mesmo quando limitadamente vinculativos. Como será possível abarcar em hipóteses científicas ou esquemáticas um autor que escreveu no "incipit" de "A passagem das horas" (Ode sensacionista dedicada ao pintor Almada Negreiros):

"Sentir tudo de todas as maneiras, ter todas as opiniões."

e no "Livro do Desassossego":

"Cada um de nós é vários é muitos,
é uma prolixidade de si mesmo"

e sobre esta universalidade do sentir, poderíamos continuar longamente.

E eis-nos regressados, assim, ao problema interpretativo específico da obra de Pessoa. Ora, limitando-nos ao tema que nos diz respeito, há que considerar que a conversão de uma disciplina artística numa outra (neste caso específico, da literatura em arte visual) é ainda e sempre um trabalho de interpretação. Por isso me parece interessante sugerir aos visitantes desta exposição o seu papel, o seu posicionamento. Eles encontram-se no terceiro vértice de um triângulo que assenta sobre o ponto Pessoa e sobre o do pintor.

Poder-se-á fechar em harmonia ou em sintonia este triângulo interpretativo?

Se considerarmos a definição de um grande semiólogo como Peirce, que asseverava "Um sinal é qualquer coisa que, conhecendo-a, conhecemos algo mais", poderemos também dizer que a interpretação pictórica leva a um enriquecimento interpretativo. O risco está em que, falando a propósito de sinais (e a pintura foi o primeiro sistema de sinais), o acrescentamento da leitura em causa altera o texto interpretado; e com referência à frase acima referida, seria lícito parafrasear: "Um sinal é qualquer coisa que, conhecendo-a, conheceremos qualquer outra coisa".

Ora, se voltarmos aos vértices do triângulo ideal citado, veremos que o nosso lugar de fruidores poderá estar também demasiado longe daquele onde se situa o artista/intérprete, mas o terceiro ponto, o que é ocupado pelo Pessoa universal, esse está de tal modo afastado que, se o ligarmos idealmente ao nosso vértice, encontramos-nos praticamente numa situação de quase coincidência com o pintor.

É por isso que reputo muito convincente a escolha do título "Migalhas de Pessoa", feita pelo pintor Gaudenzio NAZARIO, porque contém o termo *migalhas*, que é o vocábulo pessoano por excelência. Mas, ao mesmo tempo, *migalhas* indica também, egregiamente, um sentido de marginalidade, isto é, de impossibilidade interpretativa plena da obra do poeta.

Tiago da SILVA

Na qualidade de coordenador italo-lusitano, desejo exprimir um verdadeiro agradecimento em nome do Archivio Libri d'Artista – Laboratorio 66 – Milano e de todos os artistas, à Casa Pessoa e à Câmara Municipal de Lisboa.

Gaudenzio Nazario